



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

PRISCILLA MARQUES PEREIRA DE LIMA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA TV: MEDIAÇÃO DE LEITURA EM EMISSORA  
PÚBLICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

João Pessoa

2024

PRISCILLA MARQUES PEREIRA DE LIMA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA TV: MEDIAÇÃO DE LEITURA EM EMISSORA  
PÚBLICA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

,

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras  
da Universidade Federal da Paraíba como  
requisito para obtenção do título de Licenciada em  
Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Orientadora:** Profa. Dra. Daniela Maria  
Segabinazi

**Coorientador:** Prof. Dr. Valnikson Viana de  
Oliveira

JOÃO PESSOA/PB

2024

## CATALOGAÇÃO

### Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

L732c Lima, Priscilla Marques Pereira de.

Contação de histórias na TV : mediação de leitura em emissora pública para a formação de leitores. /

Priscilla Marques Pereira de Lima. - João Pessoa, 2024.  
52 f. : il.

Orientadora : Daniela Maria Segabinazi.

Coorientador : Valnikson Viana de Oliveira.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Contação de histórias. 2. Literatura infantil. 3. TV educativa. 4. Formação docente. 5. Formação de leitores. I. Segabinazi, Daniela Maria Segabinazi. II. Oliveira, Valnikson Viana de Oliveira. III. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-93

Dedico este trabalho à minha amada filha Luna e a todas as crianças deste país, muitas delas carentes de tudo que é básico e fundamental, como a arte e a educação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo o meu ser ao amado Levi Oliveira, músico que me encantou e pai da Luna Oliveira Marques, nossa filha e minha fonte de inspiração para todos os dias. Com ele aprendi que sonhos devem ser realizados;

Ao meu irmão Leonardo de Lima, primeira criança a ouvir minhas histórias inventadas; ao meu pai, Marcos Gabriel, por mostrar no cotidiano que a leitura é um prazer e à minha mãe, Marina Marques, contadora de histórias assombradas que encantavam as crianças durante as noites de apagão na favela em que cresci, às margens do Rio Jaguaribe, foi ela quem me apresentou ao “*faz de conta*”;

Às amigas queridas, Camilla Barros, Lila Cassim e Zezé Béchade pela generosidade e presença em minha vida, sem elas eu não teria chegado aqui; às contadoras Manu Coutinho, Karbelle Oliveira, Dayanne Bezerra, Melânia Silveira e Sandra Ribeiro pelo exemplo de dedicação à arte e às crianças - por meio delas a contação de histórias cresce e floresce;

À equipe da TV Cidade João Pessoa, emissora subsidiada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa e sua Secretaria de Educação e Cultura, nas pessoas de Juliane Ramalho, nossa diretora geral, as coordenadoras Laura Luna, Kalyne Lima e Amanda Falcão, e os colegas Andryelle Araújo, Assis Dias, Sacha Teixeira e Zeba Lyra, que mantém vivo esse projeto de TV pública paraibana com nosso sotaque, valores e saberes. Por acreditarem no meu potencial mesmo quando eu tantas vezes duvidei das minhas capacidades e por me darem a oportunidade de fazer conteúdo educativo infantil na TV aberta;

Às pessoas que fazem a UFPB, sua comunidade acadêmica, servidores, prestadores de serviços e comerciantes, que desde antes da graduação já me recebiam na amada Biblioteca Central, nos movimentos sociais, cursos de extensão e corredores desta importante instituição;

Ao trabalho das professoras M<sup>a</sup> Cristina Assis e M<sup>a</sup> de Fátima Benício por seu acolhimento e orientação em minha experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID que tanto contribuiu para a decisão de me tornar uma educadora;

À professora Amanda Freitas Ramalho pela sua delicadeza e compromisso ao ensinar literatura e por nos sensibilizar para a importância do registro e resgate da memória coletiva de nosso povo;

À professora Ana Cláudia Félix Gualberto, por politizar e aprofundar cada aspecto do nosso cotidiano enquanto docentes comprometidos com a educação;

Ao incentivo, paciência e dedicação da professora Fabiana Ferreira com a minha formação mesmo diante das minhas inúmeras limitações;

Aos professores, Pedro Farias Francelino e Cirineu Cecote pelo belo exemplo de seriedade e compromisso com a docência;

A atuação desses profissionais e de tantos outros que fazem o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e a Licenciatura em Letras tem sido exemplo e base fundamental da minha formação e prática profissional;

Agradeço especialmente pelo privilégio de ter recebido, com tanta disponibilidade e afeto, a orientação de Daniela Segabinazi e Valnikson Viana. Professores que me cativaram e encantaram desde as primeiras aulas, mostrando o poder transformador da literatura na vida das crianças, jovens e adultos. O trabalho realizado por ambos aponta para um Brasil mais justo e uma Escola mais literária, onde crianças e professores podem sonhar. **É esta a sala de aula que quero ajudar a construir.**

*Poesia, a minha velha amiga...  
eu entrego-lhe tudo a que os outros não  
dão importância nenhuma...*

*[...]*

*Pois bem, às vezes de tudo quanto lhe  
entrego, a Poesia faz uma coisa que  
parece nada ter a ver com os ingredientes  
mas que tem por isso mesmo um sabor  
total: eternamente esse gosto de nunca e  
de sempre.*

(Mário Quintana)

## RESUMO

Práticas ancestrais aliadas aos avanços tecnológicos são um poderoso recurso pedagógico na construção de uma cultura literária na escola. Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir sobre a relevância da produção de material audiovisual com contação de histórias tendo em vista a formação de leitores e o ensino de literatura. Entendemos que a produção de conteúdo educativo deve ser realizada junto a profissionais de educação e para tanto se faz necessário uma formação adequada, com atualização do currículo das licenciaturas de modo a oportunizar um letramento digital adequado à prática docente. Um ensino que oportunize a contemplação artística e o prazer de ler vai de encontro à cultura de massas, que reduz e limita as possibilidades de experiência artística e por isso deve ser fomentado. Desse modo, o papel do professor produtor será preponderante na elaboração de conteúdos e de práticas a serem replicadas nas mídias e meios de comunicação. As emissoras de TV pública educativa são espaços não-formais para a atuação de docentes que podem contribuir para a elaboração de conteúdos educativos. Cientes de que as práticas da oralidade e circulação de textos literários podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens e que a produção audiovisual é também o registro da memória de nosso povo e de nossa cultura, relatamos ainda nossa experiência na criação de conteúdo educativo em emissora de tv pública e na plataforma de vídeos YouTube com o programa *Conta Aqui* da TV Cidade João Pessoa. Ao analisar a influência da contação de história e da mediação de leitura na TV aberta e no ciberespaço, realizamos uma pesquisa bibliográfica, com base nos estudos de autores como: Abramovich (2017), Antunes (2006), Candido (2011), Busatto (2006), Girardello (2014), Zilberman (1988), entre outros.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil; TV educativa; contação de histórias; formação docente; ensino; formação de leitores.

## ABSTRACT

Ancestral practices combined with technological advances are a powerful pedagogical resource in building a literary culture at school. Therefore, this work aims to discuss the relevance of producing audiovisual material with storytelling with a view to training readers and teaching literature. We understand that the production of educational content must be carried out together with education professionals and for this purpose, adequate training is necessary, with updating the degree curriculum in order to provide digital literacy suitable for teaching practice. Teaching that provides opportunities for artistic contemplation and the pleasure of reading goes against mass culture, which reduces and limits the possibilities of artistic experience and therefore must be encouraged. In this way, the role of the producer teacher will be preponderant in the creation of content and practices to be replicated in the media and communication media. Public educational TV stations are non-formal spaces for teachers who can contribute to the creation of educational content. Aware that the practice of orality and circulation of literary texts can contribute to the development of children and young people and that audiovisual production is also the record of the memory of our people and our culture, we also report our experience in creating educational content in public TV station and on the video platform YouTube with the program Conta Aqui on TV Cidade João Pessoa. When analyzing the influence of story telling and reading mediation on open TV and in cyberspace, we carried out a bibliographical research, based on studies by authors such as: Abramovich (2017), Antunes (2006), Candido (2011), Busatto (2006), Girardello (2014), Zilberman (1988), among others.

**Keywords:** Children's literature; Educational TV; storytelling; Teacher training; teaching; reader training.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Perfil da TV Cidade no YouTube.....	33
Figura 02 - Perfil da TV Cidade no Instagram.....	34
Figura 03 - Vinheta de abertura do <i>Conta Aqui</i> .....	35
Figura 04 - <i>Conta Aqui</i> com Luna Oliveira.....	36
Figura 05 - <i>Conta Aqui</i> com Danilo Nobre.....	37
Figura 06 - <i>Conta Aqui</i> com Maria Gabryella.....	37
Figura 07 - <i>Conta Aqui</i> com Heleny Nunes.....	38
Figura 08 - Detalhe das ilustrações da obra.....	38
Figura 09 - <i>Conta Aqui</i> com Melânia Silveira.....	39
Figura 10 - <i>Conta Aqui</i> com Karbelle Oliveira.....	39
Figura 11 - <i>Conta Aqui</i> com Izete Belarmino.....	40
Figura 12 - <i>Conta Aqui</i> com Sandra Ribeiro.....	40
Figura 13 - <i>Conta Aqui</i> com Dayanne Bezerra.....	41
Figura 14 - <i>Conta Aqui</i> com Felipe Gesteira.....	41
Figura 15 - <i>Conta Aqui</i> com André Ricardo Aguiar.....	42
Figura 16 - <i>Conta Aqui</i> com Cilla Marques.....	43

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: MEMÓRIA E CULTURA	15
2.1 Registro da memória de um povo	18
2.2 A literatura infantil e a leitura	22
3 A LITERATURA INFANTIL, O ENSINO E A APRENDIZAGEM	25
3.1 Literatura infantil nos anos iniciais	26
3.2 Cultura literária e artística em espaços de ensino e aprendizagem	28
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: LEITURA EM EMISSORA PÚBLICA EDUCATIVA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

## 1 INTRODUÇÃO

É dever de todos, e não apenas da escola, auxiliar na formação e no desenvolvimento cognitivo, social e cultural de cada indivíduo. Para tanto, é necessário um esforço das instituições de ensino e das instâncias governamentais, além do engajamento de toda a comunidade visando a garantir o acesso dos discentes a esse direito. Cientes desses deveres, tomamos por base a Constituição Federal como orientação no sentido de encontrar um propósito em nossa pesquisa:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1988, Art. 205).

Num país em que a fome e a mortalidade infantil ainda são problemas cotidianos, lutar pelo direito das crianças à literatura pode parecer fora de hora. No Brasil das desigualdades sociais, a arte é revolucionária e a literatura pode desnudar a estrutura social e resultar em uma consciência crítica de si e do mundo que é libertadora e necessária. Nossa intervenção busca corroborar com o que diz Cândido quando afirma que “quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra” (Cândido, 2011, p. 172).

Em nossa pesquisa nos concentramos na arte da contação de histórias enquanto recurso relevante para a formação de leitores. Entendemos que o encantamento criado pelas contadoras de histórias nos olhares das crianças é um lampejo de esperança para muitas que vivem diante da violência e da miséria.

Contar histórias é uma prática ancestral que vem acumulando métodos e jeitos de ser e contar muito específicos e pessoais, como relata Girardello quando diz que “Todos contamos histórias o tempo todo. Alguém já disse que a nossa espécie deveria se chamar *homo narrans*, tão central é a narrativa na forma como aprendemos a experiência” (Girardello, 2014, p. 46). Cada pessoa conta a história à sua maneira e cada gesto, cada sotaque, cada variação no enredo é um mundo de saberes, uma abundância de sentidos.

Compreendemos que ao unir as práticas da oralidade e da performance à literatura teremos um excelente recurso para a formação de leitores nas vivências

personais e escolares das crianças, especialmente quando apresentadas para deleite, pelo simples prazer de ouvir, ler e contar histórias. Antunes nos faz essa provocação quando trata da oralidade na aula de português e no cotidiano escolar: “Vale lembrar que a atividade de ouvir constitui parte da competência comunicativa dos falantes, uma vez que ela implica um exercício de ativa interpretação, tal como acontece com o leitor em relação à escrita” (Antunes, 2006, p.112).

A narração oral tem esse efeito empoderador para quem narra e para quem ouve. A prática detém valores e culturas de um povo e é necessário apreender a história que será contada, de modo a performar cada conto com tranquilidade, oportunizando aos alunos a contemplação artística, o deleite de ouvir, o prazer de conhecer novas narrativas.

Nos interessa ainda a formação docente que capacite os professores para exercer esta atividade de contação de histórias assim como do seu registro audiovisual. A importância do registro em vídeo das rodas de leitura e práticas de contação oportuniza aos estudantes o compartilhamento das vivências e pode auxiliar, ainda que minimamente, na pacificação da disputa entre gestão e estudantes no tocante ao uso de aparelhos de telefone na escola. Registrar é dar utilidade ao equipamento que já está disponível e, enquanto memória coletiva, o registro é tão ancestral quanto a própria narração e a possibilidade de acesso aos meios digitais podem potencializar a experiência literária de nossos estudantes.

Nenhuma tecnologia é neutra, sendo certo que elas sempre afetam a humanidade em algum grau. Elas nos beneficiam de algumas formas e, de outras, nos prejudicam. Por isso, é essencial estarmos sempre atentos às novas tecnologias que emergem em nossas vidas, pois elas certamente nos afetarão (Gabriel, 2017, p. 09).

Acreditamos que ao mesmo tempo em que a escola deve proporcionar aos estudantes o contato com os saberes tradicionais também deve garantir a eles o acesso aos conhecimentos mais modernos como as práticas de letramento digital. Para tanto, o professor carece de formação e recursos adequados que possibilitem o aprendizado dessas técnicas e saberes.

Quando há suportes e tecnologia suficiente para o registro e compartilhamento dessas possibilidades de realização da experiência artística e leitura literária, toda a sociedade é beneficiada pelo entendimento sobre a realidade e manutenção da sua própria história.

Durante séculos, o conhecimento, as histórias e as emoções contavam apenas com a ajuda de Mnemósine, a mãe das musas. A memória ocupava um papel tão significativo na sociedade, a ponto de ser sacralizada pelo homem, que criou uma deusa só para protegê-la. (Busatto, 2006, p. 89).

Na roda de contação, saberes e tradições são passados para os mais jovens desde sempre e as crianças nitidamente anseiam em receber esses conhecimentos uma vez que tudo para elas é novo. Da mesma forma, as práticas digitais e o uso da tecnologia podem ser bem-vindas em sala de aula se o professor estiver devidamente preparado para utilizar este recurso.

São inúmeras as possibilidades de vivências com a leitura para esse leitor em formação, até mesmo com a possibilidade de interação com os textos e suas diferentes linguagens, que podem ser verbais, sonoras, visuais e performáticas. Ao se produzir conteúdo audiovisual, os textos ainda inspiram desde os enquadramentos e movimentações de câmera até mesmo a locução do contador. Para isso, é estritamente necessário que a formação contemple essas competências, capacitando professores para ocupar espaços não-formais de atuação docente como emissoras de TV, rádios, plataformas de áudio e vídeo e redes sociais.

Além de exigir a valorização da profissão, indicando quem está devidamente habilitado para a tarefa, entendemos que o trabalho com Literatura em espaços de educação não-formal, como TV's educativas e mídias sociais, deva ser realizado pelos profissionais de Letras, da Pedagogia e das demais licenciaturas, uma vez que são os educadores aqueles que tem em seu currículo as habilidades advindas dos componentes curriculares elaborados para este fim.

Exemplo disto é o enorme sucesso e impacto cultural de programas de tv como *Vila Sésamo*, da TV Cultura, adaptado do programa "*Sésamo Street*" criado nos Estados Unidos e lançado no Brasil no Dia da Criança, em 12 de outubro de 1972. Tal programa chama a atenção porque, além de trazer entretenimento, também educava, e isso só foi possível porque seus produtores receberam auxílio de educadores especializados em aprendizado infantil.

Ainda na programação da TV Cultura, temos a experiência premiada pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) na produção de *Bambalão*, que estreou em 1977 com apresentadores, bonecos e quadros voltados para o público

de cinco a dez anos, entre eles o “Quem Quiser Que Conte Outra!”, jargão clássico da apresentadora e contadora de histórias Gigi Anelli.

Foi durante a pandemia de Covid-19 que pudemos testemunhar uma nova demanda de produção audiovisual na prática docente. Gestores e docentes de todo o país se depararam com a necessidade de enviar conteúdo para crianças e jovens em isolamento social.

Assim, idealizamos na TV Cidade João Pessoa, emissora da Secretaria de Educação do município, programas com conteúdo educativo para subsidiar as escolas e lares neste momento de dificuldade. Em nossa grade, há diversos programas educativos e informativos, além de conteúdo específico para o público infantil, com desenhos, palhaços, culinária feita por crianças e contação de histórias, como os programas *Zezinho Contação* e o *Conta Aqui*.

Nossa iniciativa em produzir conteúdo audiovisual com contação de histórias e mediação de leitura para a TV aberta na cidade de João Pessoa - PB estava interessada em levar oralidade e literatura às classes sociais menos favorecidas e às salas de aula de ensino fundamental que são responsabilidade desta instância de poder. Além de registrar o trabalho de nossos artistas, contadoras e escritoras, suas histórias, seus sotaques e modos de contar.

Durante a pandemia, passamos a fazer o levantamento de canais e programas para ter como referência em nossos projetos e notamos que, apesar de boas experiências no passado com produção de conteúdo audiovisual educativo, o mundo não estava preparado para as exigências de uma pandemia global e a educação enfrentou uma nova crise: havia uma abundância de conteúdo para o público infantil, mas pouco desse material era educativo e menos ainda era conteúdo literário. A TV aberta, por sua vez, não tinha conteúdo educativo, mesmo sendo concessão pública e tendo responsabilidades com a sociedade, os canais abertos estavam comprometidos com os anunciantes e pouco se interessavam em incluir uma programação que destoe da demanda de cultura de massas.

Por outro lado, havia um problema ainda maior: muitos lares não tinham computadores, celulares com internet ou TV. Em alguns, a televisão era a única tela disponível e disputada por toda a família. As pessoas estavam assustadas, muitas em isolamento social, e as demandas da educação precisavam de continuidade - o ensino remoto passou a ser realidade em meio à precariedade.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é fortalecer o debate e discutir a relevância da produção audiovisual com contação de histórias. Ressaltamos ainda a importância de capacitar professores para selecionar e produzir material audiovisual de literatura, contação de histórias e mediação de leitura em emissoras de TV educativa e plataformas de vídeo tendo em vista a formação de novos leitores.

Nesse contexto, a metodologia utilizada foi a pesquisa e revisão bibliográfica, com a leitura dos estudos e das contribuições para o fortalecimento da leitura literária na escola e a formação de leitores críticos capacitados para manejar as novas tecnologias.

Dessa forma, estruturamos nosso trabalho em quatro partes, divididas em capítulos. Inicialmente discutiremos a importância do ato de contar histórias para a humanidade, como a sociedade é beneficiada por esta prática e como os novos suportes podem garantir o acesso de novos leitores.

No capítulo seguinte, abordaremos o direito à experiência artística e as características da arte de contar histórias. Reforçamos a importância do registro e da memória de nosso povo e ressaltamos que, enquanto profissionais da educação, precisamos resistir com poesia e encantamento ao processo sistemático de alienação das pessoas que estão na classe trabalhadora aos seus filhos.

O terceiro capítulo procura abordar aspectos estéticos da obra literária e como a escola e a formação docente podem contribuir para a valorização de todas as dimensões artísticas dentro da prática de contação de histórias e mediação de leitura, de modo a oportunizar o desenvolvimento da literatura na escola e nos lares.

No quarto e último capítulo, mencionamos brevemente um pouco da participação da contação de histórias na TV brasileira e, em seguida, apresentamos um relato da nossa experiência na produção de conteúdo educativo com contação de histórias e mediação de leitura no programa *Conta Aqui* da TV Cidade João Pessoa para formação de leitores.

Finalizamos o estudo apresentando nossas conclusões a respeito das múltiplas possibilidades de estímulo à leitura literária num mundo tomado pela tecnologia, para uma escola carente de novas vivências. Tais apontamentos seguem a urgência de uma prática docente emancipatória, que valorize os saberes populares e práticas regionais, que registre a memória do nosso povo e aponte os caminhos para um futuro mais digno, de equidade nas oportunidades e acesso aos direitos básicos.

## 2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: MEMÓRIA E CULTURA

Desde tempos imemoriais, a contação de histórias tem sido uma manifestação da nossa capacidade de socializar. A prática é, antes de tudo, um ato de cultura, a arte da palavra no momento presente que alimenta nosso desejo de imaginar, como afirma Pimentel (1995):

A permanência em nossos dias da milenar arte de narrar, que nasceu com o homem e o tem acompanhado ao longo de sua existência, revela a importância das narrativas para o ser humano pela necessidade de reviver experiências e conviver com a fantasia (Pimentel, 1995, p. 11).

A diferença entre as culturas orais e as letradas reside na forma como a linguagem é produzida, transmitida e apropriada. Nas sociedades antigas, os contadores tradicionais utilizavam da “narrativa oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas” (Busatto, 2006, p. 18). Com o advento da escrita, a leitura torna-se uma habilidade essencial para o desenvolvimento humano, uma vez que permite que as pessoas tenham acesso ao conhecimento, à cultura e à informação.

Infelizmente, este acesso ainda não é para todas as pessoas. Em diferentes partes do globo terrestre, meninas não têm autorização para estudar e até mesmo aqui, na capital paraibana, muitos jovens precisam abandonar os estudos para trabalhar pelo sustento da família antes mesmo de receber um letramento adequado.

O nível de leitura no Brasil é considerado baixo, especialmente entre crianças e jovens. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2018, apenas 47% dos estudantes brasileiros de 15 anos alcançaram o nível básico de leitura, o que significa que eles são capazes de compreender e responder a textos simples.

A contação de histórias pode ser utilizada como recurso pedagógico estratégico para promover a leitura e o desenvolvimento cognitivo. A atividade consiste em compartilhar histórias de forma oral, usando recursos visuais e sonoros, apoiada no tripé: texto, corpo e voz, elementos fundamentais na performance do contador de histórias e sua unidade básica são os contos tradicionais.

A contação de histórias é fundamental na formação de futuros leitores, sendo capaz de proporcionar experiências de interação entre o real e o lúdico. Pode ser uma atividade muito enriquecedora para as crianças, especialmente dos primeiros anos do Ensino Fundamental como afirma Moran (2006):

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer releituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (bem x mal) (Moran, 2006, p. 6).

Com o valioso recurso das histórias, as crianças podem aprender sobre diferentes culturas, valores e perspectivas. Elas também podem desenvolver as habilidades da imaginação, da criatividade e da linguagem com o recurso da arte, da literatura e da tradição oral. E são exatamente estes os nossos objetivos quando trabalhamos com a Literatura no ensino de língua materna.

## 2.1 Registro da memória de um povo

Bosi (1987) afirma que “somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê nos próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão: ‘Aí está alguém que não me deixa mentir’”. É na comunidade que criamos nossa cultura e essa ancestralidade é quem nos constitui como sociedade. Precisamos do outro para conseguir nos enxergar enquanto indivíduos.

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente” (Bosi, 1987, p. 331).

A importância do registro e da memória coletiva é fundamental para a manutenção da cultura e construção da nossa identidade enquanto nação. O Brasil tem vultos famosos como Monteiro Lobato (1882-1948), Câmara Cascudo (1898-1986) e o paraibano José Rodrigues de Carvalho (1867-1935), que foram capazes de identificar, coletar e preservar histórias do domínio popular. A força da cultura popular e da oralidade no Nordeste brasileiro é notória.

A Paraíba é berço de figuras lendárias como dona Luzia Tereza, exímia contadora de histórias com, pelo menos, 256 narrativas guardadas na memória. Natural da cidade de Guarabira - PB, nascida em 15 de março de 1909 e proveniente da zona rural, a agricultora mudou-se para a capital, João Pessoa, depois de seu casamento com um viúvo e foi com esse homem que dizia ter aprendido a maioria de suas histórias.

Com o objetivo de preservar e registrar a arte da narrativa, o Núcleo de Pesquisas e Documentação Popular da Universidade Federal da Paraíba desenvolveu durante os anos de 1977 a 1983 o projeto 'Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba' que na época deu à UFPB o título de maior acervo de contos populares da Língua Portuguesa.

A pesquisa resultou na catalogação de 1.678 contos populares contados por cerca de 300 narradores registrados em 26 cidades paraibanas e três volumes da obra "Estórias de Luzia Tereza", que compilou as narrativas de grande valor documental, sendo organizada pelo folclorista Altimar Pimentel, pesquisador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), falecido em 2008.

Luzia Tereza dos Santos era chamada carinhosamente como "a corporificação do mito de Sherazade" já que não houve narrador na história que possa ser comparado ou tenha sido capaz de superar a quantidade de contos populares que a tímida senhora detinha em sua memória extraordinária. Em sua mente ficou registrada grande parte da cultura popular nacional e ela contava e partilhava efusivamente esse saber com as crianças, que sentavam no chão, ao redor de seus pés.

Naquela mulher, já chegada à velhice, mais ossos que carne, sisuda, sossegada, era impossível imaginar a força interior da narradora de memória privilegiada a guardar exemplares os mais expressivos da literatura oral de seu povo. O ato de narrar a transmudava. Perdia a quietude natural, erguia os braços longos de mãos descarnadas em gestos definitivos a acentuarem a dramaticidade da cena descrita.

Durante três anos vi-a narrar suas estórias, algumas, acredito, de sua criação; em todas, o guardado do povo nordestino, paraibano, repassadas por uma sensibilidade e formação religiosa bastante características. A experiência significou uma descoberta extraordinária para a minha compreensão do sentir e pensar da gente simples. Luzia Tereza dos Santos em aprendizado vindo da infância e somado aos saberes que seu marido legou, salvou do esquecimento total um acervo registrado em fitas magnéticas e deixou-nos sua voz e o cabedal único de suas estórias (Pimentel, 2001, p. 15).

É essa herança que precisa ser mantida na nossa prática docente no cotidiano escolar e não apenas na aula de português. Sem o registro, nossa cultura popular vai morrendo com seus contadores e cantadores que “levam para o túmulo a sabença adquirida, toda a cultura acumulada ao longo da vida, sem que tenha sido transmitida, documentada, preservada” (Pimentel, 1995, p.13).

A arte da contação de histórias representa nossa necessidade de preservação identitária e de memória da cultura de nosso povo, uma vez que, em paralelo com o desenvolvimento tecnológico a contação se mantém viva e sempre em processo de adaptação aos tempos modernos da escola, praças e lares. Para tanto, os professores procuram complementar a formação, de modo a auxiliar na formação desses futuros leitores como afirma Bello (2004):

[...] na verdade, é crescente a solicitação de educadores e instituições de ensino no sentido de buscar formação e fundamentação para o trabalho com “contação” de histórias. A utilização cada vez mais frequente de tal termo entre os educadores, aponta para uma percepção de que esta prática pode trazer resultados positivos no trabalho pedagógico. E esta talvez seja uma percepção das pessoas que estão mais intimamente ligadas a esta prática [...] (Bello, 2004, p.43-44).

As razões que justificam a realização da pesquisa levam em consideração a relevância social da cultura e do acesso à literatura como elemento fundamental para a emancipação cidadã. A importância do ato de contar histórias é imensa, pois se trata de uma atitude multidimensional (Busatto, 2003, p. 45), e ao contá-las, “pode-se atingir não somente o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério”.

Sabemos que a contação de histórias pode contribuir para a formação de leitores ainda na primeira infância e que, por isso, é preciso ampliar o acesso às obras de literatura com o uso da oralidade, gerando um impacto positivo no

desenvolvimento do hábito de ler, haja vista que este recurso enfatiza o lúdico, explora a criatividade e, principalmente, chama o leitor para vivenciar a história contada oportunizando experiências. Ao contar histórias,

O narrador olha para paisagem do conto, paisagem para onde olham também as crianças que o escutam. Ambos estão juntos na clareia imaginária, vendo se sucederem imagens de princesas, montanhas, cavaleiros e caravelas - imagens transparentes e fugazes como chamas (Girardello, 2014, p. 77).

Antunes (2006) adverte que os professores pouco trabalham com a oralidade em sala de aula e que algumas abordagens apresentam uma visão equivocada, atribuindo à fala o lugar do “erro”, o espaço de realização em que tudo é permitido. A linguista alerta que o papel do educador é demonstrar que a fala deve ser adequada ao ambiente e à situação de comunicação, o profissional também deve apresentar os diversos gêneros orais da conversação.

Enquanto pesquisadores e educadores, é fundamental refletir sobre o espaço dado à literatura na escola, que atualmente é cada vez menor, especialmente para os primeiros anos do Ensino Fundamental. Faz-se necessário criar estratégias que possibilitem o acesso das crianças às histórias e aos livros, ainda que em formato digital e por meio de telas, tendo em mente nossa posição enquanto mediadores, com a perspectiva da leitura para deleite, antes de tudo, motivada primeiramente pela experiência estética, não didatizante.

Tomar a contação de histórias como uma estratégia de acesso aos estudantes requer dos professores um entendimento da importância e poder dessa prática. Ainda que atualmente a figura do narrador de histórias seja diferente de outrora, esta arte não perdeu em beleza e encantamento. Busatto (2006) ressalta que os contadores contemporâneos devem fazer referência aos narradores míticos das sociedades primitivas.

[...] àqueles a quem era dado o direito e o poder de transmitir a sabedoria e os conteúdos arquetípicos que pairavam na sua sociedade; os portadores da voz poética de todos os tempos, e que na contemporaneidade ressurgiu como uma pessoa detentora da técnica da narração, ou seja, que não apenas transmite a história que ouve, mas antes se apropria dessa história, embebe-se da sua vivência e a transforma numa cena, num ato performático que é construído conjuntamente, emissor, receptor (Busatto, 2006, p. 111).

Só assim, com encantamento e afeto, a escola cumprirá seu papel de garantir acesso democrático e universalizado à educação cidadã: proporcionando as condições necessárias para a uma real contemplação dos atos de cultura. Tendo sempre em vista que estas ações emancipatórias por meio da leitura devem ser transversais e realizadas por toda a comunidade escolar, para além da aula de língua portuguesa, seja por meio de gincanas, eventos escolares, festividades, dinâmicas de grupo e rotinas coletivas.

## 2.2 A literatura infantil e a leitura

Só é possível pensar na formação de novos leitores se compreendermos a relevância da leitura literária. Independente da habilidade e prática do leitor, a literatura inquieta jovens e adultos, essa característica intrínseca do ato de ler possibilita o desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais à vida humana como a imaginação e o conhecimento de mundo particular, dotando os leitores de senso crítico sobre a sociedade na qual estão inseridos.

É importante ressaltar que ler é muito mais que decodificar signos, é, antes de tudo, um ato de cultura, especialmente num mundo em que a escrita é a base da comunicação humana. No entanto, lemos muito mais do que palavras, lemos o cotidiano.

Dessa forma, entendemos que o lugar da leitura não pode estar restrito à sala de aula, uma vez que a leitura é garantidora de autonomia num mundo cada vez mais tecnológico, que exige a capacidade de compreender e interpretar textos diversos e linguagens específicas.

Na escola pública, onde faltam tantos materiais, a narração é uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças – seja como espectadoras, seja como contadoras – sem precisarmos de nada além de nosso corpo, nossa voz, nossa imaginação e o fundo “mar de histórias” (Fox; Girardello, 2008, p.116).

Daí a necessidade de a escola romper com os aspectos tradicionais que ela mesma adota e cabe ao professor, enquanto mediador do ensino-aprendizagem, a função de formar leitores literários, estando atento a uma seleção de textos que contemple a necessidade e expectativa dos alunos.

Sabemos que a Literatura tem sua origem nos relatos orais recolhidos em sociedades antigas e vem sendo transmitida de geração em geração ao longo dos séculos e por entre as nações. Ainda na antiguidade, os estudos literários ocuparam lugar de prestígio e foram reservados a membros específicos da sociedade, ficando restritos apenas ao acesso de homens adultos de *status* social elevado, às crianças cabia somente à alfabetização. Seu uso de forma articulada com outras disciplinas de tradição escolar, a exemplo da História, “remonta ao período em que dominava o currículo humanista” (Bittencourt, 2016, p. 338).

O ensino de Literatura propriamente era oferecido somente aos membros da burguesia e aristocracia, excepcionalmente, as mulheres poderiam ter acesso a estes saberes desde que respeitando os padrões sociais vigentes. Para pessoas negras e indígenas não havia qualquer prática de ensino. Com isso, há muito tempo, está presente no espaço escolar mesmo com diversas restrições estéticas e sociais uma vez que a prática do ensino de literatura não era universalizada e estava focada nas produções do passado.

Desde o século XVIII, com suas revoluções sociais, econômicas e políticas, foi possível observar um processo de democratização do ensino. Destaca-se que:

[...] Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. [...] Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis (Cavalcanti, 2015, p.13).

A leitura de textos ficcionais na escola deu grande contribuição para que a arte da literatura infantojuvenil tivesse desenvolvimento em nossa cultura, escritores como Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo, João Carlos Marinho, Luís Camargo e Ricardo Azevedo, entre tantos que tiveram importância canônica e trouxeram ainda mais fantasia para o mundo infantil e o cotidiano escolar. Obras repletas de personagens e eventos inusitados que possibilita ao leitor em formação um entendimento de si mesmo e do mundo, oportunizando o desenvolvimento pessoal e cognitivo.

Dessa forma a ficção constrói a realidade em que estamos inseridos, criando um mundo de possibilidades e vivências únicas, criando memórias de lugares onde nunca estivemos, propiciando o conhecimento de épocas e culturas totalmente diferentes da que estamos situados. Desse modo, enfatizamos que:

A leitura é o fenômeno que respalda o ensino da literatura e, ao mesmo tempo, o ultrapassa, porque engloba outras atividades pedagógicas, via de regra de tendência mais prática. De modo que a literatura, enquanto evento cultural e social, depende do modo de como a leitura é encarada pelos professores, por extensão, pelos livros didáticos que encaminham a questão; pois de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação docente em sala de aula (Zilberman, 1988, p. 94).

A leitura literária nos apresenta às nossas próprias emoções e sentimentos, revela o desconhecido em nós. Dar a oportunidade de crianças e jovens terem essas vivências é tarefa da comunidade e da escola e é o professor o profissional capacitado para fazer esse trabalho com propósito e objetivo claro.

Ser professor não é só uma questão de possuir um corpo de conhecimentos e capacidade de controle da aula. Isso poderia fazer-se com um computador um bastão. Para ser professor é preciso igualmente, ter capacidade de estabelecer relações humanas com as pessoas a quem se ensina. Aprender é um processo Social Humano e árduo: o mesmo se pode dizer de ensinar. Ensinar implica, simultaneamente, emoções e razão pura (Connell, 1997, p. 91).

Essa formação é, acima de tudo, valorização profissional e do próprio sistema educacional, devendo ser oferecida sempre como parte da carga horária permanente do professor, dentro de suas atribuições e práticas docentes. Dessa forma podemos demonstrar a necessidade de aperfeiçoamento constante dos educadores e garantir as condições necessárias para tanto, a saber: remuneração adequada, carga horária flexível e plano de carreira. Só conscientizando a sociedade da necessidade de investimento em educação é que poderemos vencer a eterna crise no sistema.

### 3 A LITERATURA INFANTIL, O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Atualmente, a Literatura integra os currículos de Língua Portuguesa, mas tem sido utilizada por outras disciplinas, como, por exemplo, artes e história. Assim, o diálogo entre Artes e a Literatura é sempre possível, uma vez que os textos “fornecem pistas, indícios para a compreensão da realidade, da nossa cultura e da nossa realidade” (Zamboni; Fonseca, 2015, p. 342).

Conforme o autor supracitado, uma obra literária é aquela que aponta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando espaço ao leitor para entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto: “Um dos critérios a serem considerados para avaliar uma obra literária infantil é verificar se ela contém o fantástico, o mágico, o maravilhoso, o poético” (Oliveira, 2016, p. 52).

Para Coelho (2016), o que chamamos de literatura infantil é também literatura e, enquanto literatura, é arte. Nesse contexto, o professor prepara suas turmas para a recepção da performance artística, orienta para que essa vivência seja intensa e completa como demonstra Girardello:

Os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque, lugares de encontro e de luz. Em meio ao zum-zum das crianças, forma-se um círculo, no fundo da sala, em cima de um tapete ou de almofadas de algodão que passaram a manhã tomando sol no beiral da janela. Com olhos arregalados e risadinhas, as crianças se aconchegam e escutam a voz da moça de jeans ou vestido florido – a professora. Entram na história que ela conta, quase fecham os olhos, feito estátuas. Mas, ao contrário do que parece, elas não estão nem um pouquinho paradas: cavalgam um corcel veloz, ocupadíssimas com aventuras muito longe dali (Girardello, 2014, p. 9).

A literatura infantil não tem o compromisso de explicar o real, nem de comprovar acontecimentos. “Para interpretá-los, reconstruí-los, o autor recorre à imaginação, à criatividade e à ficção”. Isso implica um afastamento do real (Zamboni; Fonseca, 2015, p. 343). Com o livro em mãos ou a história na memória, a clara intenção do contador e professor é o encantamento, é usar a imaginação como fonte de magia para prender a atenção dos jovens ouvintes.

Segundo Cunha (2018, p. 70) “a obra literária para crianças é essencialmente a mesma obra de arte para o adulto. Difere desta apenas na complexidade de concepção: A obra para crianças será mais simples em seus recursos, mas não

menos valiosa”. De modo que o contato com o objeto livro e com o ato de contar e recontar estará diretamente ligada ao hábito da leitura na vida adulta. É preciso oferecer literatura para formar leitores. Sob essa perspectiva,

Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias, oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significante e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias (BUSSATO, 2003, p. 127).

Salienta-se que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Segundo Coelho (2016) a leitura, no sentido de compreensão do mundo, é condição básica do ser humano. Cabe frisar que o ato de ler então, não representa apenas a decodificação, já que esta não está imediatamente ligada a uma experiência, fantasia ou necessidade do indivíduo.

De acordo com os PCN's (2001), “a decodificação é apenas uma, das várias etapas de desenvolvimento da leitura”. A capacidade de compreender os conceitos apresentados, conceber as ideias e conseguir interpretar e avaliar serão os passos seguintes. Segundo Bamberguerd (2016, p. 23) elas “fundem-se no ato da leitura”. Os PCN's (2001) que sugerem trabalhar com a diversidade de gêneros nos referencias para esta prática escolar que propõe o desenvolvimento das etapas de leitura de modo a colaborar para a formação de novos leitores (Brasil, 2001).

### 3.1 Literatura infantil nos anos iniciais

Holm (2017) afirma que quando se trabalha as séries iniciais, a literatura não é vista isoladamente. Ela envolve o sentir, ver, ouvir, pensar, falar e ter segurança. A Diretriz Curricular Nacional para a Educação Infantil define, em seu art. 9º, que devem ser garantidas nas instituições experiências que:

[...] favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como [...] promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (BRASIL, 2010, p. 20).

Segundo Coelho (2016) o conceito de pré-leitor se divide em duas fases: primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) e segunda infância (a partir dos 2/3 anos). Esse período é caracterizado pela conquista da linguagem, em que “o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive” (Coelho, 2016, p. 12).

Nesse contexto, “o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora” (Holm, 2007). O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. Abramovich (2017) salienta que “o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num mundo de descobertas e de compreensão do mundo”. Assim, ressalta-se que

Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade. Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e mais compreensões (Abramovich, 2017, p. 25).

Entendemos que o contato da criança com a arte é também o contato com o mundo e com a própria realidade de forma minimamente planejada e orientada de modo que “que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar e agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são seus” (BRASIL, 1998, p. 143).

Essas competências e habilidades vão sendo estimuladas nas criança para que ela fique à vontade para interagir com as histórias, inventar continuações e maiores detalhes, criar personagens e recordar partes significativas da história que

os outros ouvintes não tenham percebido já que “Os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real” (SANDRONI; MACHADO, 2015, p. 15).

Ainda segundo Sandroni e Machado (2015, p.12) “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. Na educação infantil existe a curiosidade e descoberta das cores, formas e figuras, geralmente abundantes nas obras literárias voltadas para o público infantil possibilitando que os pequenos construam sentidos e significados para o texto antes mesmo de serem alfabetizados.

Cabe ao educador atuar em sala de aula incentivando a aprendizagem significativa, reflexiva, diversificada, ensinando os alunos a usarem a arte e a cultura para viverem melhor.

### 3.2 Cultura literária e artística em espaços de ensino e aprendizagem

Na educação, as atividades artísticas contribuem bastante para o desenvolvimento das crianças, uma vez que colocam ao seu alcance vários tipos de materiais para manipulação. Ademais, há também “a arte espontânea que surge através de brincadeiras ou a partir de uma proposta mais trabalhada” (Ferraz; Fusari, 2013).

Como afirma Abramovich (2017), “a vivência de contar histórias é um momento único que é pessoal e prazeroso a cada um. Contar histórias é uma arte, é o equilíbrio do que é ouvido com o que é sentido”. Sob essa ótica, as autoras supracitadas assinalam que o lúdico e a literatura, assim como outras artes e práticas da vida das crianças farão parte do que será o desenvolvimento de suas capacidades expressiva e criadoras, possuindo um alto potencial de aprendizagem de linguagens e de apreender a cultura.

De acordo com Debortoli (2016) grande parte dos pedagogos acredita que desenhar, contar histórias, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é importante para o desenvolvimento do aluno, porém, poucos são aqueles capazes de apresentar argumentos convincentes para fomentar e melhor explorar essas atividades, incluindo-as no projeto pedagógico-curricular escolar da escola.

Nesse sentido, Lavelberg (2015) destaca que “é necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, pois somente assim este terá entusiasmo para ensinar e transmitir aos alunos a vontade de aprender”. O mesmo autor

complementa que “um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes” (Lavelberg, 2015, p. 12).

Sendo assim, o papel do pedagogo é também preparar o espaço de contação de forma lúdica e orientar a intervenção artística e atividades relacionadas para o nível e faixa etária da turma já que “essa postura docente é fundamental para criar um ambiente propício à criatividade e à expressão” (Ferraz; Fusari, 2013).

“A partir do momento que o educador entender que as crianças vivenciam e produzem cultura, que são seres ativos e sujeitos de direitos, a prática docente tende a ser transformada e entendida como suporte, ponte, elo para novos saberes” (Ostetto, 2015) de modo que o respeito e a solidariedade se tornem prática e cotidiano, seja na convivência com outros falares, sotaques e variações seja pelo entendimento da importância do convívio e troca de experiências.

Nesse sentido, além da oralidade, o objeto livro e suas ilustrações também passam a ser um componente essencial na prática da contação em sala de aula. Camargo (2019) assinala que há três categorias de obras dentro da literatura infantil: a saber: 1) o livro ilustrado, que tem foco no texto escrito e recebe ilustrações pontuais, como, por exemplo, *A menina do narizinho arrebitado* (1920), de Monteiro Lobato; 2) o livro de imagem, que tem ilustrações contando a história, como, por exemplo, *Ida e volta* (1976), de Juarez Machado; 3) por fim, o livro em que a história é narrada tanto por meio do texto quanto pelas ilustrações, de modo que se complementam e compõem a história em conjunto como em *Flicts* (1969), de Ziraldo.

De acordo com Camargo (2019) o livro ilustrado “pode ser lido como um texto híbrido, verbal-visual, em que ocorrem dois discursos, o verbal e o visual, criando, assim, um diálogo entre texto e ilustrações; no caso do livro de ficção, uma espécie de narrativa dialogada entre as duas linguagens”. Sendo assim, entendemos que:

No diálogo entre texto e ilustrações pode ocorrer: 1) convergência de sentidos, quando os sentidos da ilustração convergem para os sentidos do texto; 2) contradição, quando o texto diz uma coisa e a ilustração outra – por exemplo, o texto refere-se a um gambá e a ilustração mostra outro animal. Mas nem toda contradição é necessariamente um erro. Por exemplo, ao ilustrar a fábula “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine, Gustave Doré não representou dois animais, mas duas mulheres (Camargo, 2019, p. 01).

O mesmo autor observa ainda que texto e ilustração não precisam ser equivalentes, mas antes complementares, proporcionando “uma relação dialógica – portanto, mutuamente enriquecedora –, pois os sentidos do texto se projetam sobre as ilustrações e vice-versa”.

Conforme Lôbo (1999), quando descreve a função da ilustração na obra infantil, entende que ela é como um complemento da obra, que se relaciona enquanto linguagens diferentes seja “quando as ilustrações não conseguem atingir a mesma mensagem do texto, quando conseguem e quando a mensagem ilustrada vai muito além do texto escrito” (Lôbo, 1999, p. 84).

Segundo Nikolajeva e Scott (2011) a obra literária é dotada de vazios verbais e visuais que convidam o leitor para que complete o que falta, de modo que. “palavras e imagens podem ser lidas tanto de maneira individual, quanto de maneira conjunta, adicionando níveis de complexidade a uma mensagem”. Nesse sentido, frisa-se que “para contar histórias é preciso ter tempo [...] tempo, para ensaiar, contar, recontar, aperfeiçoar e ensinar a contar é a melhor forma de nos preparamos para contar” (Girardello, 2014, p. 36).

Rossini (2018) assinala também a organização da sala de aula que influencia quando se propõe a estimular as crianças com decoração, elementos variados e objetos. Esses “materiais concretos são importantes à criança pequena, pois ela ainda está estabelecendo a construção do concreto para o abstrato, despertando no aluno o interesse de conhecer o mundo, tornando-o participativo”.

Möding (2016) salienta que “criatividade e artes são processos inteligentes, pois tanto o produzir quanto o apreciar são comportamentos que requerem operações complexas de análise, comparações e reconhecimentos”, uma vez que estimulamos essas habilidades em nossos alunos estaremos contribuindo para o desenvolvimento de diversas possibilidades cognitivas que se estenderão para a vida.

Se “o afloramento da criatividade é facilitado pela leitura” (Santos, 2015). entendemos que qualquer que seja a forma como a criança se sinta confortável em se expressar, ela tem papel fundamental em seu desenvolvimento intelectual. Isso acontece porque a leitura reflete em sua imaginação, de visualizar o mundo além do óbvio e, também, de criar alternativas para seus problemas. Um rabisco que a criança faça, demonstra que é capaz de criar com o que tiver à sua disposição.

Abramovich (2017) vislumbra a literatura como uma aprendizagem estética, em que as histórias lidas ou contadas explicam o mundo de um jeito que o leitor possa se situar em um universo que é dele”. Essa pluralidade de saberes será benéfica não apenas para o bom desempenho escolar, mas para a vida em sociedade e percepção de si mesmo e de seu lugar no mundo.

Através da literatura, as crianças aprendem pelo prazer, pelo deleite, sendo possível ensinar qualquer conhecimento humano com o suporte das histórias, já que especialmente “na alfabetização e letramento, ela contempla na dinamização da aula, de forma que adapta os alunos a diversos contextos culturais” (Santos, 2015).

Nesse contexto, além das histórias, os professores também podem fazer uso da música, “deve ser explorada de todas as formas, por inteiro, desde a sonoridade até a letra” (Cunha, 2018). Já os textos devem ser selecionados observando se estes podem estimular a capacidade de análise crítica, “a relação das gravuras com o texto escrito, a percepção da leitura de mundo nesse material e as diferenças entre fantasia e fato” (Santos, 2015).

Abramovich (2017) “afirma que contar histórias é uma arte, é o equilíbrio do que é ouvido com o que é sentido. É o uso simples e harmônico da voz do narrador.” Para tanto, é preciso que o narrador conheça a história e motive os ouvintes, gere pontos de atenção e encantamento. “O objetivo da narração é o de ensinar a criança a escutar, a pensar, a enxergar o mundo com os olhos da imaginação”.

Freire (2015) afirma que “ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos de texto”. O autor esclarece que a significação da leitura: “ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, porém gratificante. Ler é buscar a compreensão do lido, daí a importância do ensino correto da leitura e da escrita” (Freire, 2015, p. 122). Para Freire (2015) “a experiência da compreensão é a capacidade de associar, jamais dicotomizar”.

Concomitantemente, Abramovich (2017) ressalta que “Literatura não se aprende, vivencia-se, convive-se, e ensaiar esta troca em um meio escolarizado é dar subsídios a quem não tem acesso à leitura da literatura”. Por isso defendemos que a contação deve ser uma atividade cotidiana na rotina escolar, nas diversas dinâmicas e componentes curriculares.

White (1910) faz ainda uma ressalva ao afirmar que o objetivo essencial de um trabalho verdadeiramente educativo, em nosso caso envolvendo oralidade, arte e literatura, é garantir o bom desenvolvimento pessoal e cognitivo dos estudantes:

Ressalte-se que a genuína educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas, acima da instrução, aprecia a capacidade, a bondade, e acima das aquisições intelectuais, o caráter. O mundo precisa de indivíduos de caráter, cujas habilidades sejam dirigidas por princípios firmes. (WHITE, 1910, p. 255).

Ao ser apresentada à Literatura ainda na primeira infância, a criança já começa a ter contato com o objeto livro, com a ação de contar histórias, ouvir e recontar e assim é possível aprender sobre o mundo em que está inserida. Os mediadores, seja uma professora, uma contadora ou pessoas da família podem aprender a utilizar os recursos da performance, das ilustrações, da música e do teatro.

O recurso dos fantoches é tão variado que podem ser utilizados desde bonecos e pelúcias até utensílios de cozinha. A linguagem poética, por sua vez, pode prender a atenção dos pequenos que gostam especialmente dos textos rimados e ritmados, além de se deslumbrarem com a multiplicidade de figuras de linguagem e possibilidades das palavras. Versos, parlendas e trava-línguas são unanimidade nas pequenas platéias.

Quando mediada pelas telas, a arte que nasce na tradição oral passa por um processo de ressignificação até chegar às telas das salas de aula e das salas de casa. Em plena era digital, a contação de histórias se afirma e ocupa espaços de inovação. Representando um auxílio para professores e familiares na formação de um futuro leitor, que ainda não lê e está desenvolvendo as habilidades da escuta e da interpretação.

No próximo capítulo pretendemos relatar um pouco da nossa experiência com a produção de conteúdo educativo em TV aberta. Concentramos nosso interesse na contação de histórias e mediação de leitura realizada no programa *Conta Aqui* da TV Cidade JP, canal 6.3 da capital paraibana. Trataremos das influências para o trabalho, das condições de produção e da relevância política em fazer conteúdo educativo em meio à uma avalanche de conteúdo sensacionalista em veículos maiores.

#### 4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: LEITURA EM EMISSORA PÚBLICA EDUCATIVA

A TV Cidade João Pessoa é parte de um projeto criado em 2007 na forma de um órgão vinculado e subordinado funcionalmente a Secretaria da Comunicação Social e Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal de João Pessoa com o intuito de criar uma escola de TV educativa que possa auxiliar na promoção do desenvolvimento humano do povo da nossa cidade, respeitando os valores éticos e a democratização dos saberes, elevando a qualidade de vida da população e desenvolvendo projetos de audiovisual que guardam parte da memória do povo da capital paraibana.

A emissora é exibida em sinal aberto pelo canal 6.3 JP Edu, na plataforma de vídeos YouTube e na rede social Instagram. Até o ano de 2014 nosso conteúdo era exibido apenas em sinal fechado, no extinto canal 8 da NET. A ausência de um centro de documentação que guardasse e preservasse o material produzido nos obrigava a apagar conteúdos de grande importância para a memória de nossa cidade e de nosso povo. Foi pensando na responsabilidade que temos com o contribuinte, na abrangência e importância de um conteúdo educativo acessível que criamos os perfis da TV Cidade João Pessoa nas empresas Meta e Google durante minha gestão como Diretora Geral como demonstrado nas imagens a seguir:

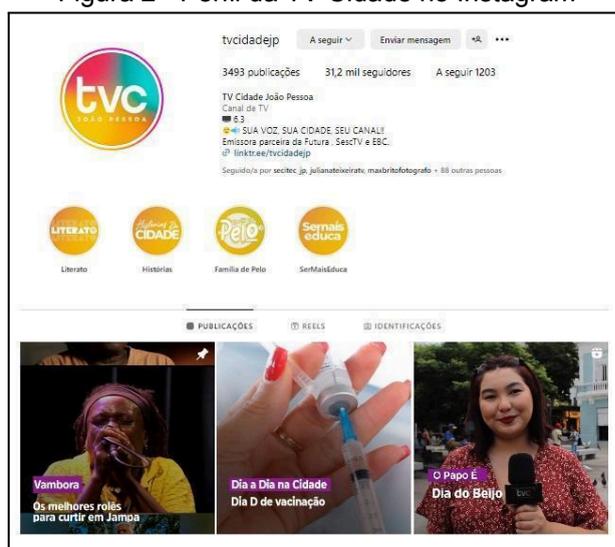
Figura 1 - Perfil da TV Cidade no YouTube



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/@TVCIDADEJAOPESSOA>>. Acesso em: 14 de mar. 2024.

Figura 2 - Perfil da TV Cidade no Instagram



Fonte: Página da TV Cidade JP no Instagram<sup>2</sup>

Durante a pandemia de Covid-19 a Secretaria de Educação do município de João Pessoa, assim como diversas instâncias responsáveis pela educação em nosso país, receberam a demanda de produzir material audiovisual para os estudantes do Ensino Fundamental. Gestores e professores se depararam com atividades, plataformas e situações de ensino completamente novas. Havia, inclusive, falta de estrutura básica como equipamentos e rede de internet.

Com escolas fechadas, crianças e famílias em isolamento social, entre aulas e jornalísticos, nossa equipe decide ampliar a programação para o público infantil. Criamos programas apresentados por palhaços, com brincadeiras e desenhos; programas culinários apresentados pelos pequenos, programas ensinando a reciclar e fazer brinquedos e incluímos dois programas com contação de histórias, o *Zezinho Contação* e o *Conta Aqui*.

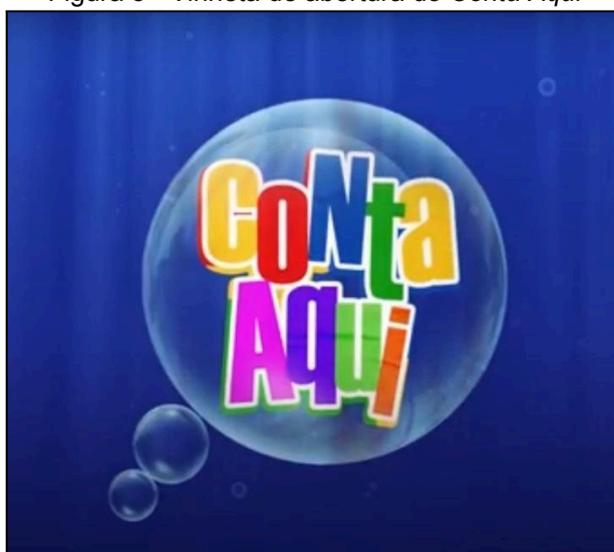
A produção do “Conta Aqui” teve como público-alvo as creches que atendem crianças de até 3 anos, as pré-escolas que oferecem educação infantil para crianças de 4 e 5 anos e os primeiros anos do ensino fundamental I, a partir dos 7 anos. A finalidade desta produção foi levar conteúdo de qualidade para os lares pessoenses já que mesmo em tempos de internet, estamos cientes de que muitas famílias não têm condições financeiras para contratar rede de dados, *wi-fi* e equipamentos que viabilizem esse acesso e a TV aberta é ainda muito presente no cotidiano das famílias mais pobres.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/tvcidadejp/>>. Acesso em: 14 de mar. 2024.

O *Conta Aqui* é um programa de contação de histórias e mediação de leitura, recebeu apoio cultural da Editora e Livraria Paulinas com doação de várias obras literárias para apresentação e divulgação. A atração consiste em um quadro em que contadoras, atrizes e professoras fazem performances de histórias de domínio público e de obras literárias.

No jardim, sob a sombra de uma mangueira, contadoras nos presenteiam com sua arte, seu sotaque e seu jeito próprio de contar e encantar. Para a abertura, optamos por uma linguagem visual lúdica e simples como vemos na figura 3 que mostra parte da vinheta do programa.

Figura 3 - Vinheta de abertura do *Conta Aqui*



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Cientes da relevância da produção de material audiovisual com contação de histórias tendo em vista a formação de leitores e o ensino de literatura passamos a produzir esse material também em escolas e creches do município. Nossa intenção era que as professoras pudessem se ver no vídeo, que sua arte pudesse ir também para as salas das residências menos favorecidas, que crianças que nunca tiveram o prazer de presenciar uma contação pudessem ter essa vivência, ainda que mediada pelas telas.

Tomamos como base a experiência da TV Cultura de São Paulo que, ao longo de 50 anos de existência, privilegia conteúdos produzidos, pensados e elaborados em parceria com profissionais de educação e instâncias governamentais, como *Vila Sésamo* (1972), *Bambalão* (1977), *Curumim* (1981), *Catalendas* (1999) entre outros que reservavam espaço nas atrações com quadros de contação de

histórias como registra Casarini (2019) “A cultura de um país precisa de lendas. Elas são uma maneira alegórica e até mesmo divertida de levar para crianças contos que fazem parte da história da identidade do povo”.

Ao longo de duas temporadas e 27 episódios, a produção do *Conta Aqui* apresentou histórias populares de domínio público e obras de literatura infantil escritas por autores paraibanos. Contamos com a participação de contadoras profissionais, professoras de ensino infantil e fundamental, atrizes e escritoras.

Tivemos ainda a oportunidade de registrar a contação e participação de crianças pequenas, ainda não alfabetizadas, que contam suas histórias preferidas a partir das ilustrações e de suas próprias memórias como na figura 4 em que a pequena Luna Oliveira, de 5 anos, conta a história de seu livro preferido:

Figura 4 - *Conta Aqui* com Luna Oliveira



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

A preparação da contação dessas crianças era feita com leitura prévia das obras e conversas despretensiosas sobre o tema e as ilustrações. Utilizamos ainda elementos que simbolizavam partes importantes da história e atividades de desenho, pintura e brincadeiras que remetiam à história que seria contada.

Também tivemos a oportunidade de gravar a contação realizada por crianças maiores, já alfabetizadas e familiarizadas com a literatura infantil. Algumas escolheram contar as histórias de seus livros preferidos, clássicos conhecidos como a obra de domínio público *Ali babá e os quarenta ladrões* aqui representada na figura 5 que mostra o menino Danilo Nobre, de 10 anos, contando a história com base na memória de suas leituras, sempre mostrando as ilustrações e fazendo adaptações do texto para a o que consideramos um prática de oralidade mediada pela tela:

Figura 5 - *Conta Aqui* com Danilo Nobre



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Para outras outras crianças, além da contação, solicitamos também que fizessem atividades simples relacionadas às histórias contadas como na figura 6 em que Maria Grabryella, de 8 anos, ensina a fazer um aviãozinho de papel dialogando diretamente com a história contada pela professora Heleny Nunes, da rede municipal de Ensino Infantil:

Figura 6 - *Conta Aqui* com Maria Gabryella



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Na contação da professora Heleny Nunes as ilustrações servem de inspiração para a produção de animações realizadas pelo editor de imagens, Danilo Rufino, que remetem diretamente às ilustrações presentes na obra. Essa intervenção amplia o sentido da contação e coloca os espectadores em contato direto com o projeto gráfico proposto pela editora.

A atuação do editor de imagens é mais uma camada de sentido entre tantas dada ao produto audiovisual que o *Conta Aqui* se propõe a ser. Nosso objetivo era tornar ainda mais lúdico o ato de contar histórias na tv, de modo que possamos ampliar as possibilidades de interpretação e de compreensão do texto proposto como pode ser visto na figuras 7:

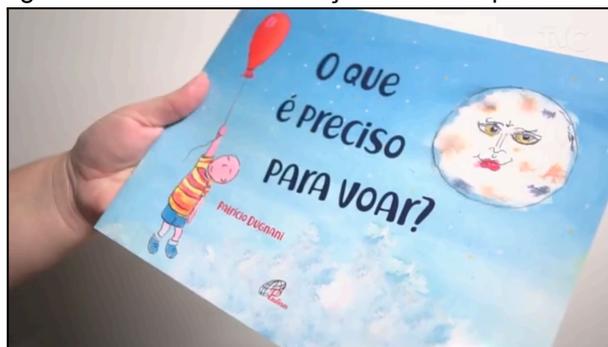
Figura 7 - Conta Aqui com Heleny Nunes



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Tentamos manter o objeto livro sempre em destaque, propondo que a obra de arte seja contemplada em sua singularidade e completude, expondo seus formatos, cores e ilustrações durante a produção do programa como vemos na figura 8:

Figura 8 - Detalhe da ilustração da obra apresentada



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

No processo de escolha do que seria nosso repertório, escolhemos priorizar as obras oferecidas pela Editora e Livraria Paulinas, as histórias presentes na cultura popular nordestina, os contos de fadas, as fábulas, os clássicos e demais obras que estivessem preferencialmente em domínio público.

Tivemos o privilégio de registrar o belo trabalho da professora da rede municipal, atriz e cantora lírica Melânia Silveira, que presenteou nosso programa com uma performance delicada e ao mesmo tempo profunda e potente. Sob a sombra da árvore em nosso jardim, a artista nos proporcionou momentos de muito encantamento e magia ao incluir na sua contação o uso de canções, maquiagem e o inusitado figurino de uma linda princesa para interpretar os clássicos *Os figos da*

*figueira, A cigarra e a formiga, Jorinda e Jorindel, A princesa e a ervilha*, como pode ser visto na figura 9:

Figura 9 - *Conta Aqui* com Melânia Silveira



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Por sua vez a professora da rede particular de ensino e contadora de histórias, Karbelle Oliveira, apresentou sua técnica de ventriloquia ao manipular sua boneca Maria, que foi confeccionada pela própria artista para dialogar consigo durante a contação, como vemos na figura 10:

Figura 10 - *Conta Aqui* com Karbelle Oliveira



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Algumas contações foram captadas e produzidas no local de trabalho das profissionais e mesmo em meio à pandemia conseguimos levar nossa equipe de filmagem até creches e escolas já que muitas professoras estavam nas instituições produzindo material escrito e de audiovisual para o ensino remoto.

Nessas visitas conseguimos registrar um pouco do ambiente e da prática cotidiana dessas profissionais, que é o exemplo da professora Izete Belermino que produz seus próprios elementos auxiliares da contação com palitos de picolé e

emborrachado recortado e colorido e costuma utilizar microfone e amplificador em suas contações como vemos na figura 11:

Figura 11 - *Conta Aqui* com Izete Belarmino



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Apresentamos ainda uma diversidade de performances na arte da contação como por exemplo a técnica de fantoche de dedo executada por Sandra Ribeiro, que além de manipular os bonecos de feltro também os produz com técnicas de costura.

Na ocasião, para contar a lenda africana *Ananse, o homem aranha e o baú de histórias* e no famoso conto *O casamento de Dona Baratinha*, a contadora utilizou os *dedoches* e outros elementos como a casca dura do coco - que chamamos de *catemba de coco* - e embalagens de supermercado modificadas para remeter a elementos da história; para simular a chuva, utilizou de um borrifador.

Priorizamos performances mais delicadas que fossem preparadas para a primeira infância e todos os recursos são acessíveis e de fácil reprodução em casa ou em sala de aula, junto com as crianças, como pode ser visto na figura 12:

Figura 12 - *Conta Aqui* com Sandra Ribeiro



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Contemplamos também as performances que utilizam instrumentos musicais como recurso para o encantamento como mostrado na figura 13 com a contadora e bibliotecária da rede particular de ensino Dayanne Bezerra contando e cantando *O coelho e o grilo* e *O sabor da Lua*:

Figura 13 - *Conta Aqui* com Dayanne Bezerra



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

O primeiro autor convidado para o programa foi o jornalista Felipe Gesteira que trouxe a beleza do seu forte sotaque característico de um legítimo pessoense e seu grito estridente, tipicamente nordestino, reconhecido em cada canto do país. O autor nos presenteou com a leitura do divertido e questionador *O burrinho e a troca dos brinquedos*, com ilustrações de Meiacor, que vemos aqui na figura 14:

Figura 14 - *Conta Aqui* com Felipe Gesteira



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Tivemos ainda a honra de receber em nosso jardim, autores paraibanos já consagrados na literatura paraibana, como André Ricardo Aguiar que trouxe a divertida obra *O rato que roeu o rei*. A leitura do texto, rico em ditados, rimas, parlendas e com as belas ilustrações de Tonho, recebe a intervenção do editor de imagens da TV Cidade, Anderson Oliveira, que insere a figura de um ratinho invadindo a tela para ilustrar a performance do escritor.

Ao final da leitura, depois da gravação, o autor comenta satisfeito que foi a primeira vez que teve a experiência de ler em voz alta o seu próprio livro. Por isso, ressaltamos a importância de registros de nossos artistas, para que outras pessoas possam ouvir ver como eles contam suas próprias histórias. Deixamos aqui o registro na figura 15:

Figura 15 - *Conta Aqui* com André Ricardo Aguiar



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Várias dessas leituras e contações nos emocionaram e enriqueceram nossa experiência enquanto equipe na produção audiovisual de contação de histórias como a contação feita pela autora Jaysa Ribeiro, de seu conto *Luna e o Baile Real*, parte da obra *A revolução dos contos de fadas*; apresentamos ainda o divertido manual *Um livro sobre como ler um livro*, de Laís Lúcio e a leitura da autora e também editora Simone Bandeira com sua cativante história familiar *Sonhos no telhado* e sua poesia delicada na obra *Bicho que vai e gente que vem*.

Entendendo que a produção de conteúdo de contação de histórias deve ser de fato um material educativo a ser realizado por profissionais de educação, nos deparamos com a ausência desse conteúdo no currículo da Licenciatura em Letras. Para produzir conteúdo educativo é necessário entender de educação, ter em mente os objetivos a serem alcançados para além da audiência mas, e principalmente, por sua relevância.

Enquanto educadora produtora de TV, houve a necessidade de complementar a formação para mediação de leitura ainda durante a graduação e recorri aos cursos de extensão oferecidos pela própria Universidade Federal da Paraíba e pelo Centro Estadual de Arte - CEARTE/PB.

O Curso de Formação para Contadores de História do CEARTE-PB tem dois módulos, somando uma média de 140h entre aulas e práticas, oferecido pela

professora Manu Coutinho, filósofa, contadora de histórias, pesquisadora e grande incentivadora desta arte e de seus artistas. Referência na formação de contadores em nossa cidade, o curso apresenta em seus conteúdos as múltiplas possibilidades da arte da contação de histórias, tem bibliografia rica e promove práticas de escrita criativa, canto e recursos sonoros, vivências de teatro e produção de elementos narrativos com materiais recicláveis.

Acreditamos por isso que seja necessária uma formação abrangente, com atualização do currículo das licenciaturas de modo a oportunizar um letramento para a oralidade e para a prática digital que contemple a vivência docente para o futuro. Estes cursos garantiram uma prática preciosa no exercício da contação e da produção audiovisual que não encontramos na Licenciatura e nos motivou a participar ativamente das produções, não apenas na direção mas também na contação e apresentação como vemos na figura 16:

Figura 16 - *Conta Aqui* com Cilla Marques



Fonte: Página da TV Cidade João Pessoa no YouTube

Os cursos de extensão e de formação para contadoras compartilham diversos saberes populares e ricos em possibilidades para educadoras. Figurinos e bonecos compõem as performances, instrumentos musicais fazem parte da narrativa e a contação conta com execução de trechos de canções, ritmadas e pontuais gerando ainda mais sentido aos textos.

Outras contações procuram destacar as imagens e ilustrações das obras literárias com fantoches de palitos e fantoches de feltro para dedos, os dedoches. São materiais adicionados para enriquecer a contemplação e interpretação das crianças durante o processo de ensino/aprendizagem

Desse modo, nos encontramos no papel do professor produtor que será preponderante na elaboração de conteúdos e de práticas a serem replicadas nas

mídias e meios de comunicação. Entendendo que as emissoras de TV pública educativa são ainda espaços não-formais para a atuação de docentes que podem contribuir para a elaboração de conteúdos educativos.

Cientes de que a prática da oralidade, ainda que mediada pelas telas, pode auxiliar na circulação de textos literários e contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens. Essa produção audiovisual é também o registro da memória de nosso povo e de nossa cultura, um elogio aos nossos saberes e sotaques. Certos de que devemos fomentar um ensino que oportunize a contemplação artística e o prazer de ouvir, ler e contar vai de encontro à cultura de massas, que por sua vez reduz e limita as possibilidades de vivências com a experiência artística.

A contação de histórias na sala de aula e nas TVs públicas desempenha um papel significativo no estímulo à imaginação, no desenvolvimento da linguagem, na ampliação do repertório cultural, na promoção da interação e do diálogo dentro da escola, além de apoio à prática docente.

A utilização da mídia televisiva amplia e reforça o alcance das narrativas, atingindo um público maior e mais diversificado, em especial pessoas das classes menos privilegiadas que tem na TV um dos poucos veículos de lazer e informação.

Ao longo das pesquisas e leituras para elaboração do que viria a ser o *Conta Aqui*, identificamos a necessidade de formação específica para os professores e contadores de histórias, a fim de explorarem de forma eficiente os recursos multimídia disponíveis e adaptarem as histórias ao contexto educacional. Discutimos questões relacionadas à seleção de conteúdos adequados, diversidade de narrativas e acompanhamento pedagógico como desafios a serem superados, uma vez que, enquanto profissionais da educação, precisamos cotidianamente fazer da sala de aula um lugar de acolhimento e formação pessoal.

Entendemos que a TV pública é uma instituição capaz de contribuir para a formação de leitores uma vez que têm o compromisso de oferecer programação educativa e cultural para toda a população, inclusive para as crianças ao contrário das TV comerciais, que embora sejam concessões públicas têm pouco compromisso com a educação:

Aos produtores brasileiros cabe a difícil tarefa de competir com produções internacionais de países que contam com mais experiência e com orçamentos bastante generosos, como Estados Unidos, Japão, Canadá, entre outros (Casarini, 2019, p. 77).

Assim, reafirmamos a importância de oportunizar a prática da contação de histórias como recurso pedagógico eficaz na sala de aula e nos canais de TVs educativas públicas de sinal aberto. É preciso compreender o papel das narrativas na formação cultural e educacional das crianças e jovens e proporcionar a contação de histórias ainda na primeira infância, tendo em vista a formação de leitores.

À luz do exposto, entendemos que nosso trabalho poderá contribuir para o fortalecimento de discursos, práticas e políticas públicas educacionais que compreendam a importância da contação de histórias como uma estratégia pedagógica relevante tanto na sala de aula quanto nas TVs educativas e de sinal aberto.

Também se busca fomentar a discussão acerca da importância de incluir na licenciatura essas estratégias de ensino em ambiente não-formais de educação de modo a auxiliar na formação docente dos futuros professores, além da viabilização da existência de TVs públicas com programação educativa nos municípios do país.

Enfatizamos ainda a necessidade de uma abordagem integrada entre educação e mídia, promovendo a colaboração entre professores, contadores de histórias, profissionais da televisão e poder público para o enriquecimento do processo de aprendizagem e formação cultural das crianças, jovens e todo o público interessado em cultura literária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à eterna crise da educação brasileira, que mais se agrava do que avança em direção a soluções relevantes, e diante de um projeto político de alienação social que perdura há séculos, ousamos fazer cultura unindo comunicação e educação.

Como tantos outros profissionais da educação, nos colocamos à prova nas trincheiras da guerra cultural que insiste em nos calar e nos limitar ao desprezo da sociedade e desvalorização da categoria com baixos salários e pouca infraestrutura nas escolas, certos do comprimento do nosso dever de fazer valer o acesso à literatura enquanto direito humano, visando uma sociedade mais igualitária:

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre culturas popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (Cândido, 2011, p. 193).

Apesar dos inúmeros entraves, nos recusamos a desistir e buscamos espaços para atuação do professor de língua portuguesa além da sala de aula, ainda que sem perder de vista a escola e sua comunidade. Na condição de professor produtor de conteúdo lembramos que o poder público é responsável pelo fomento à cultura, criação e manutenção de equipamentos como as TVs educativas que fazem um relevante trabalho em todo o país. E democratizar esse poder é uma de nossas tarefas enquanto espaço não-formal de educação descreve Gabriel (2017):

Ocorre, assim, uma mudança de natureza do poder, que deixa de ser hierárquico, e passa a ser disperso e difuso numa rede global. Assim, nas sociedades de controle, o poder se torna disseminado e disperso entre os nós das redes, e sua ação torna-se horizontal e impessoal. O poder de controle e a transparência se distribuem na rede (Gabriel, 2017, p. 62).

Lutamos por essa horizontalidade e por uma formação abrangente, sempre em atualização, que capacite para os mais diversos cenários que a educação nos propõe e apresenta como desafio.

Entendemos que é preciso sensibilizar o professor em formação para a realidade do chão da escola, oferecendo métodos e técnicas diretamente ligadas com a prática pedagógica, garantindo vivências e experiências de oralidade e leitura que vão oportunizar segurança aos profissionais recém-formados para o exercício no cotidiano escolar. Ampliando e acessando uma ancestralidade perdida ou escondida como afirma Cléo Busatto (2003):

Acredita-se que ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico, porém contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete aquela figura ancestral, que ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade (Busatto, 2003, p. 10).

Nos bastidores da produção audiovisual queremos ser também ponte para que mais e mais crianças e famílias tenham acesso aos direitos básicos de educação e cultura. Que possamos utilizar de todos os recursos disponíveis para fazer chegar aos mais jovens nossas tradições e histórias, nossos valores e memórias. Certas da importância do alerta que nos faz Antunes (2006) quando afirma que “a leitura depende não apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação”.

As histórias sobrevivem aos séculos, atravessam o tempo e as distâncias, encontram e constituem as mais diferentes culturas. As palavras aguardam o olhar atento e as mentes curiosas das crianças, ávidas pelas belezas que estas detêm:

Conta o povo guarani que, antes de criar as pessoas, Nhanderu criou o nome delas e, depois de criá-las, deu-lhes um tesouro: as palavras. Para os guaranis, as palavras têm alma, é como se fossem vivas. E elas são mesmo (Girardello, 2014, p. 14).

A escola é o espaço social privilegiado e determinado para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem, é neste espaço que a criança terá contato constante com as histórias e com o ato de ler e escrever. Muitas dessas crianças só

terão acesso aos livros e às histórias sob o teto da escola e com mediação de um professor comprometido com a Literatura, o professor de língua materna:

Ensinar a ler e escrever tem sido atribuição da escola desde seus inícios, sendo essas atividades estimuladas já nas primeiras séries – ou ainda na pré-escola, segundo algumas orientações – e praticada em todas as disciplinas. Porém a responsabilidade pelo incentivo à leitura, incluindo-se aí a introdução à leitura, e aprendizagem da escrita cabe invariavelmente ao professor de Língua Portuguesa (Zilberman, 1988, p. 112).

É nossa responsabilidade garantir que as crianças tenham contato com a narração, a leitura e a escrita, que possam construir suas interpretações e criar sentido com o que ouve, lê e escreve e também com o que assiste na TV.

Especialmente para as classes menos favorecidas é na escola que a TV pode ganhar um novo sentido enquanto suporte, para além do entretenimento, com a mediação adequada, o conteúdo televisivo e educativo pode ser analisado criticamente, oportunizando um precioso conhecimento de mundo.

Nosso desejo é ouvir a voz das contadoras ecoando pelos corredores das escolas, salas de aula e de casa, seja por meio de telas ou nas praças, jardins e calçadas, e assim quem sabe sonhar que nossos jovens vão levar consigo os falares da gente nordestina, os causos e contos e que eles também possam imaginar um futuro encantado, ainda não realizado, mas pronto para ser contado.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2017.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português, encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2016.

BELLO, Sérgio Carneiro. **Quem conta um conto...** A narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSC, Florianópolis, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2a ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 05 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Introdução. volume UM: Formação pessoal e social; volume três: Conhecimento de mundo. Brasília. Ministério da educação e do esporte. Secretaria de educação fundamental. 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1ª a 4ª séries. Introdução. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 2001a.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CAMARGO, Luís. **Ilustração em livros de literatura infantil**. 2019. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil>. Acesso em: 17 mar. 2024.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CASARINI, Sandro. **Almanaque infantojuvenil TV Cultura 50 anos**: senta que lá vem história / escrito por Sandro Casarini. São Paulo: Cultura, 2019.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2015.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa; CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Educação brasileira e(m) tempo integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna 2016.

CONNELL, Raewyn William. Pobreza e educação. In: **Pedagogia da Exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. GETILI, P. (ORG), Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª edição, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2018.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. **Licere: Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação**, v. 2, n. 1, p. 105-117, 2016.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2013.

FOX, Geoff; GIRARDELLO, Gilka. A narração de histórias na sala de aula. In: GIRARDELLO, Gilka (Org.). **Baús de chaves da narração de histórias**. 4. Ed. Santa Catarina: SESC, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GABRIEL, Martha. **Educ@r: a revolução digital na educação**. Saraiva Educação SA, 2017.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. Campinas, SP: Papirus, 2014.

HOLM, Anna Marie. **Baby - Art**: os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2017.

IABELBERG, Rosa. **Para Gostar de aprender arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil** – gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

LINDEN, Sophie van der. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LÔBO, Danilo. O inter-relacionamento entre textos e ilustrações nos livros de literatura infanto-juvenil. **Itinerários**, Araraquara, v. 14, p. 81-90, 1999.

MANIFESTO DOS PIONEIROS. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. (1932). **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. Especial, p. 188-204, agosto de 2006.

MATOZZO, Viviane Maria Forstner. A importância de Monteiro Lobato na Literatura Infantil Brasileira. **Revista Eletrônica de Literatura O Guarani**, n. 2, ano III, 2019.

MÖDINGER, Carlos Roberto. **Artes visuais, dança, música e teatro**: práticas pedagógicas e colaborações docentes. Erechim: Edelbra, 2013.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2006.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: CosacNaify, 2011.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, publicações Dom Quixote, 1992. (Coleção Temas de Educação, 39), 1992.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura Prazer** - Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 2016.

OLIVEIRA, Rui de. O Brasil pela imagem: a ilustração de livros e o passado colonial. In: SERRA, Elizabeth. (Org.). **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens no Brasil**. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil saberes e fazeres da formação de professores**. São Paulo. Editora: Papirus. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Estórias de Luzia Tereza**. v. 1. Brasília: Thesaurus, 1995.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Estórias de Luzia Tereza**. v. 3. Brasília: Thesaurus, 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luís Raul. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 2015.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.

WHITE, Ellen G. **Educação**. São Paulo: Casa Publicadora, 1910.

ZAMBONI, Ernesta.; FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. *In*: **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 339-353, set-dez, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino de Literatura**. São Paulo - SP; Contexto, 1988.